

A FONÉTICA E A FONOLOGIA NA NOVA TERMINOLOGIA LINGUÍSTICA PARA OS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

JOÃO VELOSO

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto
jveloso@letras.up.pt*

1 – CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Antes de entrar na análise do capítulo que a nova Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário (TLEBS) reserva para as questões de fonética e fonologia, gostaria de afirmar que é com satisfação que verifico a presença deste domínio de análise e reflexão sobre a língua não só no programa deste encontro, mas também, sobretudo – e atendendo de forma muito especial ao destaque de que passa a gozar na Terminologia –, no documento orientador que motivou estas jornadas de trabalho.

Na verdade, o Ensino Básico e Secundário (EBS) passa a ter acesso, com esta Terminologia, a um extenso acervo de 113 entradas que percorrem diversos domínios e subdomínios da fonética e da fonologia (vd. secção 2 do presente texto), estabelecendo-se desse modo um nítido contraste com o lugar concedido à fonética e à fonologia na Nomenclatura Gramatical de 1967 (NG1967)¹.

Espero que este incremento da presença da fonética e da fonologia ao nível do *corpus* de noções e conceitos supostamente transpostos para os programas, gramáticas e manuais de Português e, como tal, expectavelmente trabalhados em aula se traduza, efectivamente, numa revalorização do tratamento das questões de fonética e fonologia na prática pedagógica e na transmissão de conteúdos que têm lugar na aula de Português – Língua Materna (PLM).

Como penso ser reconhecido por muitos dos participantes neste evento, existe, de facto, um défice de conhecimento explícito das noções de fonética e fonologia na generalidade dos estudantes do EBS. Com efeito, parece-me realista admitir que, de uma

¹ As fontes de que me servi para consultar as duas terminologias oficiais foram as seguintes: para a Nomenclatura Gramatical de 1967, aprovada pela Portaria nº 22.664 do Ministério da Educação Nacional datada de 28 de Abril de 1967, consultei a versão condensada inserta em Portugal & Catarino (orgs., 1973:177-183); para a TLEBS, consultei directamente quer a portaria que a promulga (Portaria nº 1488/2004 do Ministério da Educação, publicada no Diário da República – I Série-B, nº 300, de 24 de Dezembro de 2004), quer a base de dados electrónica divulgada em formato CD-ROM pelo próprio Ministério (Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário) para definição e exemplificação dos termos tornados oficiais pela portaria. Para a consulta dessa base de dados, servi-me da versão disponibilizada na página web da Associação de Professores de Português (<http://www.app.pt>, acedida em 29 de Novembro de 2005).

forma geral, qualquer aluno no final do 12º ano de escolaridade saberá minimamente identificar e classificar explicitamente categorias morfossintáticas (“nome”, “preposição”) ou funções sintáticas (“sujeito”, “complemento/objecto directo”) ou ainda identificar processos flexionais da língua (saberá distinguir e nomear grande parte dos tempos verbais do português, p. ex.); porém, dificilmente um aluno desse nível de escolaridade usará termos como “consoante fricativa”, “vogal semifechada”, “sílabas abertas”, entre outros, no seu discurso explícito sobre as propriedades da sua língua.

Não obstante, os actuais programas e manuais escolares destinados ao estudo do PLM já contemplam, mesmo que reduzidamente, o tratamento de questões de fonética e fonologia do português, como posto em destaque em trabalhos anteriores como Castro (2001:209 e ss., 219 e ss.) e Veloso & A. Rodrigues (2002:239 e ss.), p. ex.

A explicação para essa quase-ausência da fonética e da fonologia do conjunto de noções explícitas facilmente dominadas pelos alunos no final do EBS não resultará exclusivamente, por conseguinte, da sua inexistência a nível dos documentos e materiais orientadores da prática docente. Como se torna claro através da leitura dos dois trabalhos citados no parágrafo anterior, o aumento da presença da fonética e da fonologia na aula de PLM não requereria forçosamente alterações profundas dos programas das disciplinas de Português/Língua Portuguesa nem dos materiais de apoio pedagógico já existentes.

Quanto ao interesse que poderia merecer uma revalorização da fonética e da fonologia na aula de Português/Língua Portuguesa, justificando-a, tentei deixar expressos num anterior trabalho em co-autoria já aqui citado (Veloso & A. Rodrigues, 2002) alguns argumentos que, em meu entender, nos permitem reperspectivar a presença da fonética e da fonologia no ensino do PLM. Além do interesse intrínseco que devemos reconhecer às matérias de fonética e fonologia, foi aí realçado o alcance do seu estudo como um importante auxiliar de análise linguística com aplicações muito vastas: entre outras, são citadas nesse trabalho a este mesmo propósito a abertura da aula de língua materna a outras matérias e disciplinas, a análise literária, a compreensão de fenómenos como a variação dialectal e sociolectal e a evolução histórica da língua e o contributo para a consciencialização, despiste e correcção de eventuais problemas de ortografia (cf. Veloso & A. Rodrigues, 2002:235-238; este mesmo tópico é retomado na contribuição de Sónia Rodrigues para este colóquio e publicada neste mesmo volume – cf. S. Rodrigues, 2005).

Não repetirei nem desenvolverei, nesta versão escrita, os argumentos expostos em Veloso & A. Rodrigues (2002), dado que os mesmos se encontram publicados no trabalho referido e uma vez que mantenho no essencial as propostas nele formuladas. Do mesmo modo, não me deterei, neste texto, na questão da implementação pedagógica concreta de medidas e procedimentos didácticos que visem precisamente esse incremento da fonética e da fonologia no ensino do Português/Língua Portuguesa no EBS. Além de não me considerar qualificado para o fazer, já que me falta o conhecimento e a prática do terreno nesse nível de actuação concreto, julgo que a apresentação da minha colega Sónia Rodrigues a este encontro, onde será versada justamente a questão da implementação da fonética e da fonologia na aula de PLM no EBS, constitui um excelente ponto de partida para todos quantos queiram repensar, a este nível concreto do ensino da língua, a sua actividade pedagógica. Chamo, por isso, a atenção dos interessados para o texto de Sónia Rodrigues publicado nestas actas. (S. Rodrigues, 2005), o qual, nas propostas de trabalho que a autora nos apresenta, combina rigor, qualidade e originalidade num domínio em que urge estabelecer práticas e desenvolver materiais inovadores e apelativos.

2 – ANÁLISE DAS NOÇÕES DE FONÉTICA E DE FONOLOGIA NA TLEBS

Nos pontos seguintes, passarei então a uma análise mais pormenorizada da presença da fonética e da fonologia na TLEBS. Começarei por efectuar um levantamento quantitativo global dos termos de fonética e fonologia contemplados pela Terminologia, quer em termos totais finais (e, neste caso, comparando os valores observados com os da NG1967), quer repartindo esses dados totais pelos tópicos e subdomínios da fonética e da fonologia que as autoras responsáveis por este capítulo da Terminologia (Professoras Maria Helena Mateus e Maria João Freitas, ambas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) decidiram integrar na versão final do documento em discussão. Finalmente, ocupar-me-ei da identificação de certos pressupostos e orientações teóricas que terão presidido à escolha e à definição dos termos incluídos neste documento

Não constituiu meu objectivo, nem no momento da apresentação desta comunicação no encontro, nem nesta publicação, debruçar-me sobre os conteúdos propriamente ditos das definições dos termos de fonética e de fonologia aqui considerados. Isto é: não pretendo com este texto explicitar ou de qualquer forma explorar exaustivamente os conteúdos e os conceitos subjacentes às noções de fonética e de fonologia contidas na Terminologia, objectivo que deve pertencer a outras instâncias². Preferirei, em vez disso, tecer algumas observações gerais que visem traçar o enquadramento mais vasto em que parece possível integrar a lista de termos de fonética e fonologia da TLEBS. Nesta reflexão, procurarei também fornecer aos interessados – e penso sobretudo nos professores de PLM nos diversos ciclos e anos do EBS cujo contacto com as mais recentes publicações na área da linguística não tenha sido o mais assíduo – algumas pistas e sugestões de estudo e de leitura que lhes permitam, no futuro mais próximo, uma aproximação mais contextualizada aos conteúdos inerentes à TLEBS.

Alguns dados quantitativos

Como afirmei no início desta comunicação, a secção reservada pela TLEBS à fonética e à fonologia representa um importante avanço, em termos quantitativos, quando se compara a actual proposta com a NG1967: dos cerca de 70 termos da proposta de 1967 (cf. Portugal & Catarino (orgs.), 1973:181-182), passamos, na TLEBS, a contar com 113 entradas.

Um olhar mais atento à lista dos termos de fonética e fonologia da TLEBS, por outro lado, permite-nos uma repartição dos mesmos pelas 10 categorias seguintes³:

² Penso – e creio que será reconhecido por muitos – que esta é uma área em que se faz notar de modo muito particular a necessidade de formação e actualização científica dos professores de PLM. De facto, a entrada em vigor da TLEBS tem mesmo, em meu entender, e não somente em relação às questões de fonética e fonologia, o efeito colateral positivo de estimular a iniciativa dos professores do EBS no tocante à revisão e consolidação dos seus conhecimentos linguísticos necessários à transmissão, com êxito, dos conteúdos gramaticais pressupostos na TLEBS e, por consequência, no ensino do PLM ao nível do EBS. No entanto, repito, não me parece que seja no âmbito de um encontro e de uma publicação como aqueles em que se insere esta minha participação que esse esforço *formativo* deve ter lugar.

³ É aqui seguida, com pequenas alterações, a repartição que foi apresentada nas jornadas que deram origem ao presente volume de actas e que não coincide exactamente com a que encontramos na própria TLEBS. Naturalmente, outras categorizações seriam igualmente possíveis e justificáveis.

- definição das disciplinas;
- estruturas silábicas;
- fonética acústica;
- fonética articulatória/aparelho fonador (exclui-se a classificação articulatória tradicional, que nesta compartimentação é integrada numa categoria à parte, aqui com a designação de “tipos/categorias articulatórias”);
- fonética combinatória;
- fonética perceptiva.
- fonologia;
- prosódia (exclui-se o grupo das noções respeitantes às estruturas silábicas, aqui agrupadas num conjunto individualizado);
- tipos/categorias articulatórias;
- outras noções.

A repartição dos 113 termos pelas 10 categorias que acabo de propor é mostrada pelo quadro seguinte, que as ordena por ordem decrescente do número de entradas pertencentes a cada categoria, com indicação dos respectivos valores absolutos e percentuais.

QUADRO 1 – Repartição dos termos de fonética/fonologia por afinidades temáticas

1ª	2ª
TIPOS/CATEGORIAS ARTICULATÓRIAS 32 (=28,3%) termos	PROSÓDIA (excl. “Sílabas”) 20 (=17,7%) termos
Consoante	Acento
Consoante africana	Constituintes prosódicos
Consoante alveolar	Entoação
Consoante dental	Entoação declarativa
Consoante fricativa	Entoação exclamativa
Consoante labial	Entoação imperativa
Consoante lateral	Entoação interrogativa
Consoante nasal	Entoação persuasiva
Consoante oclusiva	Frase fonológica
Consoante oral	Nível prosódico
Consoante palatal	Palavra prosódica
Consoante sonora	Pausa
Consoante surda	Pausa preenchida
Consoante velar	Pausa silenciosa
Consoante vibrante	Posição do acento
Ditongo	Propriedades prosódicas
Semivogal	Quantidade
Semivogal adiantada	Sílabas átonas
Semivogal arredondada	Sílabas tónicas
Semivogal nasal	Tom
Semivogal oral	
Semivogal recuada	
Tritongo	
Vogal	
Vogal adiantada	
Vogal alta	
Vogal arredondada	
Vogal baixa	
Vogal média	
Vogal nasal	
Vogal oral	
Vogal recuada	

3ª FONÉTICA ARTICULATÓRIA/ APARELHO FONADOR (excl. Classificação articulatória) 12 (=10,6%) termos	3ª FONÉTICA COMBINATÓRIA 11 (=9,8%) termos
Aparelho fonador Articuladores activos Articuladores passivos Caixas de ressonância do tracto vocal Cavidade bucal Cavidade nasal Cordas vocais Glote Laringe Modo de articulação Ponto de articulação Tracto vocal	Alteração de segmentos Assimilação Crase Dissimilação Ditongação Inserção de segmentos Metátese Nasalização Processos fonológicos Redução Supressão de segmentos
5ª FONÉTICA ACÚSTICA 9 (=8%) termos	5ª OUTRAS NOÇÕES 9 (=8%) termos
Altura Duração Energia Fonte de energia Fonte sonora Frequência fundamental Intensidade Onda sonora Som	Dissílabo Grupo consonântico Hiato Monossílabo Palavra aguda Palavra esdrúxula Palavra grave Polissílabo Trissílabo
7ª ESTRUTURAS SILÁBICAS 8 (=7,1%) termos	8ª FONOLOGIA 5 (=4,4%) termos
Ataque da sílaba Coda da sílaba Estrutura silábica Núcleo da sílaba Rima da sílaba Sílaba Sílaba aberta Sílaba fechada	Classe natural de sons Fonema Nível segmental Segmento Traço fonológico
8ª DEFINIÇÃO DAS PRÓPRIAS DISCIPLINAS 5 (=4,4%) termos	10ª FONÉTICA PERCEPTIVA 2 (=1,7%) termos
Fonética Fonética acústica Fonética articulatória Fonética perceptiva Fonologia	Aparelho auditivo Percepção de fala

Sendo a TLEBS um repositório, com carácter oficial (logo, normativo), de noções gramaticais e dos termos obrigatoriamente seguidos na documentação de trabalho e nos materiais autorizados para se lhes fazer referência no contexto da prática pedagógica (Portaria nº 1488/2004 do Ministério da Educação, de 24 de Dezembro de 2004, nº 2º), escolheram os seus organizadores repartir os termos incluídos por um conjunto de níveis temáticos previamente seleccionados, dos quais uma parte substancial corresponde às disciplinas tradicionais em que se subdivide a linguística (cf. o Anexo apenso à referida portaria, onde se verificará que a fonética e a fonologia correspondem à secção B I de tal partição, por sua

vez subordinada ao capítulo B – “Linguística descritiva”). Dentro de cada um destes grupos temáticos, os termos respectivos são apresentados por ordem alfabética⁴.

Assim sendo, a tarefa de planejar a transmissão dos conteúdos inerentes à Terminologia aos estudantes do EBS (nos seus diversos ciclos e anos de escolaridade) parece ter sido deixada ao critério das equipas do Ministério da Educação a quem incumbe a actualização dos programas de Português/Língua Portuguesa, bem como aos autores dos manuais, gramáticas escolares e outros materiais de apoio e, finalmente, aos próprios professores da disciplina. A todos estes intervenientes do processo educativo caberá supostamente a responsabilidade de decidir, p. ex., qual o momento do percurso escolar em que os conceitos são apresentados e quais as relações a evidenciar entre determinados conceitos, assim como as perspectivas a adoptar relativamente a cada qual. A este respeito, seria desejável que tais escolhas fossem criteriosamente ponderadas em função de diversas variáveis, de entre as quais me permito salientar a definição da metodologia a adoptar e a identificação do momento mais adequado à transmissão de cada conteúdo (isto é, do “bom momento”, no dizer de Pinto (1998:37) na citação abaixo transcrita), não esquecendo também que, neste como noutros assuntos, o domínio e a consciencialização dos conceitos veiculados pelos termos deveriam sempre anteceder o domínio da metalinguagem que lhes faz referência.

Em suma, considero imprescindível que na passagem da reflexão à prática convocada pelo advento da TLEBS sejam tidas em conta as seguintes palavras da Professora Maria da Graça Pinto, bem como as observações que a este propósito a mesma autora partilhou com os participantes deste encontro e que se encontram expressas no seu texto publicado neste mesmo volume (Pinto, 2005):

“Em relação ao Português, nota-se frequentemente que o domínio da língua, quer oral quer escrita, é relegado para um plano secundário em favor de uma transmissão precoce – e não sei se, por vezes, mesmo despropositada – de *conhecimentos* relacionados com uma ou mais terminologias “meta qualquer coisa” (quantas vezes por força das modas) que, num primeiro momento, podem cair num perfeito vazio se a criança ainda não souber com exactidão a que se aplicam tais designações tão sofisticadas [...]. Que interesse representará transmitir a uma criança uma determinada metalinguagem, se ela ainda não domina a funcionalidade dos termos que integram a linguagem que usa todos os dias? [...]

[.....]

Não quero obviamente deixar transparecer com o acabado de expor [...] que a terminologia metalinguística não é importante. Ela é tão importante que o seu ensino exige mesmo que seja muito bem dominada pelo professor, que, graças à sua experiência, deve ter a capacidade e o bom senso de só transmitir tais conhecimentos quando achar que chegou o bom momento. Ora, o problema reside frequentemente em saber localizar com rigor no tempo esse bom momento. [...]

(Pinto, 1998:35-37)

Pelos motivos que acabo de apontar, é aceitável que existam, no domínio da fonética e da fonologia (como, de resto, em todos os restantes domínios gramaticais/linguísticos

⁴ Na portaria que homologa esta terminologia, não é adiantada qualquer explicação ou definição dos termos prescritos. Estas podem ser encontradas no documento electrónico distribuído com o intuito de publicitar a TLEBS (vd. nota 1).

contemplados pela TLEBS), termos com graus de importância distintos, impondo-se, por conseguinte, uma necessidade de hierarquização e progressão dos mesmos, com um necessário discernimento, para cada nível escolar/etário do EBS, entre os termos mais nucleares e os termos mais secundários.

A respeito das noções de fonética e fonologia que, do conjunto dos 113 termos dessas duas áreas incluídos na TLEBS, poderão revestir-se de uma maior importância, também no trabalho anterior de Veloso & A. Rodrigues (2002:244-245) foram elencados aqueles que, no entender dos autores, se afiguram porventura como os mais prioritários no âmbito do EBS (sendo este estabelecimento de prioridades naturalmente sujeito a discussão e a reformulações de diversa ordem).

Uma vez mais, deixo aos especialistas que diariamente operam com os alunos do EBS a questão de planejar formas de pôr em prática o ensino das noções subjacentes aos termos de fonética e fonologia da TLEBS; neste contexto, novamente invoco o texto de S. Rodrigues (2005) publicado neste volume.

Centrar-me-ei então, nas páginas seguintes, numa reflexão mais demorada sobre alguns princípios estruturadores subjacentes ao conjunto de termos de fonética e fonologia contemplados pela TLEBS.

No âmbito de tal reflexão, abster-me-ei de tecer considerações de mínimo detalhe que tenham a ver com a inclusão ou a exclusão de determinadas entradas na lista de termos fonético-fonológicos ou com as respectivas definições.

Nestas observações, deixar-me-ei naturalmente conduzir pela minha formação de linguista. Com efeito, é da perspectiva de alguém que estuda o funcionamento de um módulo da gramática que dirijo estas notas, ciente de que um especialista de áreas como a didáctica ou a psicolinguística – para citar duas daquelas cujo contributo, nestas matérias, me parece absolutamente imprescindível – olharia para as mesmas questões com outra escala, partindo de outros ângulos e pressupostos e perseguindo outros objectivos.

* * *

Numa primeira leitura, este conjunto de termos, além de uma ampliação relativamente à NG1967, como já foi referido, apresenta-se como uma proposta globalmente equilibrada e adequada aos públicos a que se destina (com a ressalva, acima expressa, de que caberá a outras instâncias que não à própria Terminologia decidir sobre o momento e o contexto apropriados para a familiarização do destinatário final – o aluno – com as questões que ela permite trabalhar).

Um outro aspecto que me cabe aqui pôr em relevo é o da grande continuidade das propostas que esta lista de termos encerra relativamente ao entendimento tradicional que é habitualmente reservado a tais termos. De acordo com os “princípios estruturantes” da Terminologia delimitados pela própria portaria que aprova a TLEBS (Portaria nº 1488/2004 do Ministério da Educação, de 24/12, nº 3º, alínea e)), será de observar, nesta proposta, a “neutralidade paradigmática”, materializada em “conceitos operatórios representados como traduzindo zonas significativas de consenso” (*ibid.*).

Na lista de termos de fonética e fonologia integrados na TLEBS, este princípio parece respeitado na opção de se continuar a fazer apelo a designações tradicionais (e aos conceitos, igualmente estabelecidos pela tradição pedagógica, que tais designações pressupõem) como,

a título de exemplo, “dissílabo”, “palavra esdrúxula”, “vogal média”, “cordas vocais”, “entoação exclamativa”, entre outras.

Em certos casos – como, p. ex., quando são contemplados termos como “ditongo”, “tritongo” e “vogal nasal”, entre outros – acaba por ser reconhecida a existência de unidades ou entidades que certas descrições linguísticas recentes do português põem abertamente em causa ou acerca dos quais se procede, em tais descrições, a alguma forma de questionamento, como é patente em textos de investigação de autoria das próprias responsáveis deste capítulo da TLEBS (cf., para citar alguns estudos dos que mais directamente se relacionam com os termos apontados, as seguintes referências: Mateus & D’Andrade, 2000:15, 20-22, 48 e ss.; Freitas, 2001; Mateus *et al.*, 2003:993-994, 1045-1046, 1047-1049).

No entanto – apesar do debate e da controvérsia gerados na comunidade científica e a que as autoras da proposta não são alheias –, foi tomada a opção de se continuar a prescrever, para os conceitos de fonética e fonologia já contemplados pela NG1967, termos já firmados e estabelecidos por décadas de uma tradição pedagógica de alguma forma já cristalizada, em detrimento de termos mais recentes e que são objecto de discussão na comunidade dos linguistas.

Todavia, a par e sobre esse fundo de manutenção de importantes pontos de vista tradicionais, que de certa maneira retomam algumas das propostas da NG1967, torna-se importante reconhecer, por outro lado, que, no domínio em análise nesta apresentação, se incorporam avanços relevantes da fonética e da fonologia contemporâneas e que tornam a presença destes dois domínios de análise linguística na TLEBS mais sólida do ponto de vista teórico.

De entre estas inovações – que hoje, graças aos avanços da linguística (invocados no preâmbulo da Portaria nº 1488/2004 do Ministério da Educação, de 24 de Dezembro de 2004, como um dos desencadeadores da revisão da NG1967), se tornam absolutamente imprescindíveis na compreensão e na descrição da língua – salientaria, neste instante, os dois aspectos sobre que me deterei nas subsecções seguintes deste texto: a distinção entre nível fonético e nível fonológico (e, concomitantemente, a subdivisão da fonética nos seus ramos acústico, articulatorio e perceptivo) e a importância concedida aos níveis prosódicos do plano fonológico da língua.

Nível fonético/Nível fonológico. Subdivisões da fonética

Como já foi referido, a TLEBS enquadra a fonética e a fonologia dentro do grande domínio da linguística descritiva (domínio B), no âmbito do subdomínio B1, o qual surge precisamente partilhado por ambas (“Fonética e fonologia”). Dentro do subdomínio B1, há, subseqüentemente, lugar para a divisão em fonética (subdomínio B1.1) e fonologia (subdomínio B1.2). Por fim, dentro de cada um destes dois últimos subdomínios são contempladas outras subdivisões: assim, na fonética (B1.1) são criadas divisões distintas para a fonética articulatoria, acústica e perceptiva, ao passo que no domínio da fonologia (B1.2) se abrem igualmente capítulos mais restritos (nível segmental, nível prosódico e processos fonológicos). Em cada uma destas divisões e subdivisões, a TLEBS inclui então uma lista de termos subdominados (os que foram reorganizados, de acordo com os critérios apresentados em 2, no Quadro 1).

Esta divisão, ausente da NG1967, reflecte a divisão da fonética e da fonologia nos seus diversos capítulos, tal como é transposta, p. ex., para obras didácticas actualizadas destinadas ao ensino superior, tais como, a título de exemplo e entre outras, as de Katamba (1989), Clark & Yallop (1990), Durand (1990), Carr (1993), Spencer (1996), Davenport & Hannahs (1998) ou Gussenhoven & Jacobs (2005).

Antes de mais, esta divisão entre um nível de estudo fonético e um nível de estudo fonológico traduz um dos pontos de partida epistemológicos mais enraizados na linguística moderna e que remonta a pelo menos o Círculo Linguístico de Praga e, dentro deste, mais especificamente, à obra de Troubetzkoy (1939). A sua incorporação na TLEBS materializa, a meu ver, uma actualização importante, estranhamente ausente da NG1967 (formulada mais de três décadas depois da actividade científica do Círculo Linguístico de Praga e cronologicamente próxima de toda a produção científica que se desenvolveu sob os auspícios da linguística estruturalista europeia e americana, onde essa divisão entre fonética e fonologia adquire uma grande relevância, como se torna patente em textos como os de Gleason (1955: caps. 16 e 17) e Martinet (1960: cap. 3), p. ex.): na verdade, no documento de 1967 é incluído, no capítulo III (“Outras nomenclaturas linguísticas”), um subcapítulo 1 intitulado “Fonética descritiva” onde, p. ex., sob a designação de “fonética” se inclui a classificação articulatória dos “fonemas” (sic) da língua e se cruzam indistintamente noções de fonética articulatória e de fonética histórica (cf. Portugal & Catarino (orgs.), 1973:181-182)

Complementarmente, esta actualização da TLEBS possibilita a sensibilização de professores e estudantes do EBS para a consciencialização da discrepância entre uma descrição teórica “cristalizada” da língua e a variabilidade extrema das suas realizações concretas.

Ainda ao nível desta clarificação de níveis, sublinho que, ao contrário do que acontece com a exposição das noções de outros capítulos da gramática incluídos na TLEBS, as próprias designações das duas disciplinas – **fonética** e **fonologia** –, bem como as das suas subdivisões (como “fonética articulatória”, “fonética acústica”, etc.), são objecto de definição na base de dados electrónica que divulga a Terminologia⁵.

Por fim, a um outro nível, salientarei que, relativamente à NG1967, a introdução de noções dos domínios da fonética acústica e perceptiva – mesmo que não os desenvolvendo aprofundadamente (vd. Quadro 1) – traz a esta proposta de trabalho um enriquecimento e uma actualização muito importantes.

⁵ Vd. nota 1 para a referência da versão electrónica consultada. As definições de fonética e fonologia encontradas na referida base de dados electrónica são as seguintes:

- **Fonética**: “Ciência que estuda as características físicas, articulatórias, acústicas e perceptivas da produção e percepção dos sons da fala, fornecendo métodos para a sua descrição e classificação. A fonética divide-se em três grandes ramos: fonética articulatória, fonética acústica e fonética perceptiva ou auditiva.” [Cada um destes ramos é também posteriormente objecto de uma definição própria.];

- **Fonologia**: “Ramo da linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir só um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, analisado em termos de fonemas e traços distintivos ou quaisquer outras unidades.”

Níveis prosódicos

Após o denominado “modelo standard” da fonologia generativa – estabelecido por Chomsky & Halle (1968) e adaptado ao português europeu em Mateus (1975) –, um dos grandes avanços da fonologia consistiu na demonstração de que os fenómenos fonológicos da língua não se cingem de forma estrita a uma sucessão unilinear de segmentos. Pelo contrário, o nível dessa sucessão é apenas um de entre vários níveis; noutros níveis, unidades (infra e suprasegmentais) ancoradas aos segmentos mas independentes destes e regidas por princípios próprios dispõem-se em estruturas complexas e hierarquizadas que à fonologia enquanto disciplina linguística cabe identificar, determinar, descrever e explicar. Por outras palavras, e fazendo apelo a expressões correntes em teoria fonológica, aos modelos lineares (como o da fonologia estruturalista e o modelo de Chomsky & Halle, 1968) suceder-se-ão, posteriormente, os modelos *não-lineares* ou *multilineares*. O trajecto da fonologia dos modelos “clássicos” estritamente unilineares até aos modelos multilineares, sustentado em obras como Goldsmith (1979; 1990), p. ex., encontra-se explanado e contextualizado em textos introdutórios como Katamba (1989: caps. 4, 9, 10, 11 e 12), Durand (1990: caps. 5-8), Laks & Plénat (1993), Spencer (1996: cap. 5), Davenport & Hannahs (1998: cap. 9) e Gussenhoven & Jacobs (2005: caps. 8-15)⁶.

Entre as consequências deste “enriquecimento das estruturas” estudadas pela fonologia (cf. Davenport & Hannahs, 1998: 130-133), surge naturalmente o incremento do interesse pelos denominados “níveis prosódicos” (ou “suprasegmentais”) do plano fonológico das gramáticas, nos quais se inclui o estudo de questões como as estruturas silábicas, os contornos entoacionais, o acento de palavra, a estruturação prosódica dos enunciados, etc.⁷

Nos termos de fonética e fonologia da TLEBS, verifica-se que algum contributo desses avanços da fonologia contemporânea é retirado e, sujeito a uma adaptação em função dos propósitos que esta Terminologia procura servir, integrado na proposta de prática pedagógica a que ela pretende dar origem.

Como acima afirmei, uma das subdivisões da fonologia é precisamente a que contempla a existência dos níveis prosódicos (secção B1.2.2 da TLEBS: “Nível prosódico”), sendo aí feita referência a questões como as propriedades suprasegmentais *altura*, *duração*, *intensidade*, *tom* e *quantidade*, aspectos da constituição interna da sílaba em português, unidades prosódicas complexas e acento lexical, p. ex. (aspectos ausentes da NG1967).

Olhando ao Quadro 1, observa-se precisamente que, de acordo com a categorização que propus na secção 2 do texto, as noções de **prosódia** e as relativas às **estruturas silábicas** somam, em conjunto, um total de 28 termos (=24,8% dos termos da TLEBS).

⁶ Cf. também, a um nível mais avançado, textos como os reunidos em Goldsmith (ed., 1995; ed., 1999).

⁷ Para uma aplicação ao português deste tipo de estudos, cf. Pereira, Mata & Freitas (1992), Pereira (1999), Vigário (1998; 2003) e Frota (2000), bem como os capítulos 26.1-26.3 de Mateus *et al.* (2003).

3 – OBSERVAÇÕES FINAIS

Como já foi dito em diversas passagens deste texto, considero que a lista de entradas de fonética e fonologia da TLEBS representa um avanço significativo relativamente à NG1967, quer em termos quantitativos, quer em termos da sua adequação aos desenvolvimentos mais recentes da linguística enquanto ramo do saber (mantendo porém, como também foi referido, continuidades importantes relativamente às “zonas significativas de consenso” que, segundo os objectivos legalmente fixados para a TLEBS – vd. Portaria nº 1488/2004 do Ministério da Educação, de 24/12/2004, nº 3º, alínea e) –, devem ser mantidos).

Creio que este subconjunto das noções de fonética e fonologia da TLEBS – como, de resto, a totalidade desse documento – pode (e deve) ser encarado como um ponto de partida para práticas pedagógicas revistas e actualizadas. Por outras palavras: mais do que um mero documento legal, ou um repositório terminológico normativo (valências que a TLEBS naturalmente encerra na sua própria génese), esta nova terminologia pode constituir-se como um “desinquietador” que porá em relevo a necessidade de actualização científica dos docentes de PLM nos diversos ciclos do EBS.

A este respeito, gostaria de terminar estas minhas observações enfatizando que, nesse esforço de actualização científica dos professores em causa, a linguística deterá uma importância não negligenciável. Pedindo emprestadas as palavras com que a Professora Fernanda Irene Fonseca terminou a sua alocação introdutória a um congresso realizado nesta mesma Faculdade em 2000 a propósito do papel da linguística na formação do professor de português, subscreveria, neste final da minha intervenção, o ponto de vista de que a este domínio disciplinar cabe um papel relevante na formação de “[...] professores de Português competentes e motivados, criando e desenvolvendo nos estudantes em formação inicial a capacidade e o gosto de estudar a língua – condição determinante da capacidade e do gosto de a ensinar” (Fonseca, 2001:25).

AGRADECIMENTOS

Agradeço às organizadoras deste encontro, Professoras Doutoradas Olívia Figueiredo e Isabel Margarida Duarte, o convite que me dirigiram para apresentar esta comunicação e, subsequentemente, a oportunidade que me deram de agora publicar o presente texto.

À Professora Doutora Maria da Graça Castro Pinto, fico muito reconhecido pela sua leitura de uma primeira versão deste texto. Agradeço-lhe também que me tenha facultado a leitura de uma primeira versão do texto da sua comunicação também publicado neste volume, o que em muito me ajudou a clarificar algumas ideias que quis verter para esta minha contribuição.

Agradeço à Dr^a Sónia Rodrigues a oportunidade que me concedeu de ler em primeira mão os excelentes materiais que preparou para a sessão que, integrada no programa do encontro, complementou a minha participação no mesmo. Fico-lhe igualmente grato por me ter permitido ler, antes da publicação neste volume, o texto final da sua comunicação.

REFERÊNCIAS

- CARR, PHILIP (1993) – *Phonology*. London, Macmillan.
- CASTRO, RUI VIEIRA DE (2001) – “A elaboração e a recepção das nomenclaturas gramaticais: condições, princípios, efeitos”, in FONSECA, FERNANDA IRENE; DUARTE, ISABEL MARGARIDA; FIGUEIREDO, OLÍVIA (orgs., 2001) – *A Linguística na Formação de Português*. Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 201-237.
- CHOMSKY, NOAM; HALLE, MORRIS (1968) – *The Sound Pattern of English*. New York, Harper & Row.
- CLARK, JOHN; YALLOP, COLIN (1990) – *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford, Basil Blackwell.
- DAVENPORT, MIKE; HANNAHS, S. J. (1998) – *Introducing Phonetics and Phonology*. London, Arnold.
- DURAND, JACQUES (1990) – *Generative and Non-Linear Phonology*. London, Longman.
- FONSECA, FERNANDA IRENE (2001) – “Linguística Aplicada ou Linguística Aplicável?”, in FONSECA, FERNANDA IRENE; DUARTE, ISABEL MARGARIDA; FIGUEIREDO, OLÍVIA (orgs., 2001) – *A Linguística na Formação de Português*. Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 15-26.
- FREITAS, MARIA JOÃO (2001) – “Os ping[w]ins são diferentes dos c[w]elhos? Questões sobre oclusivas velares, semivogais e arredondamentos na aquisição do português europeu”, in *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, 28-30 de Setembro de 2000)*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 213-225.
- FROTA, SÓNIA (2000) – *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. New York/London, Garland.
- GLEASON JR., H. A. (1955) – *An Introduction to Descriptive Linguistics*. Trad. port. de J. Pingelo: *Introdução à Linguística Descritiva*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., 1985.
- GOLDSMITH, JOHN (1979) – “The Aims of Autosegmental Phonology”, in DINNSEN, D. (ed., 1979) – *Current Approaches to Phonological Theory*. Bloomington, Indiana University Press, pp. 202-222. [Tradução portuguesa de A. Villalva: “Os objectivos da Fonologia Autosegmental”, in MATEUS, MARIA HELENA MIRA; VILLALVA, Alina (orgs., 1985) – *Novas Perspectivas em Fonologia*. Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 295-337.]
- GOLDSMITH, JOHN A. (1990) – *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford/Cambridge (Mass.), Basil Blackwell.
- GOLDSMITH, JOHN A. (ed., 1995) – *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge (Mass.)/Oxford, Blackwell.
- GOLDSMITH, JOHN A. (ed., 1999) – *Phonological Theory. The Essential Readings*. Malden (Mass.)/Oxford, Blackwell.
- GUSSENHOVEN, CARLOS; JACOBS, HAIKE (2005) – *Understanding Phonology*. London, Hodder Arnold. 2nd edition.
- KATAMBA, FRANCIS (1989) – *An Introduction to Phonology*. London/New York, Longman. 5th impression, 1993.
- LAKS, BERNARD; PLÉNAT, MARC (1993) – “L’objet de la phonologie. Les objets phonologiques”, in LAKS, BERNARD; PLÉNAT, MARC (dirs., 1993) – *De natura sonorum. Essais de phonologie*. Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes, pp. 5-22.

- MARTINET, ANDRÉ (1960) – *Eléments de Linguistique Générale*. Trad. port. de J. Morais Barbosa: *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa, Sá da Costa, 10ª ed., 1985.
- MATEUS, MARIA HELENA MIRA (1975) – *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos [2ª ed.: INIC, 1982].
- MATEUS, MARIA HELENA MIRA; BRITO, ANA MARIA; DUARTE, INÊS; FARIA, ISABEL HUB; FROTA, SÓNIA; MATOS, GABRIELA; OLIVEIRA, FÁTIMA; VIGÁRIO, MARINA; VILLALVA, ALINA (2003) – *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 5ª ed., rev. e aum.
- MATEUS, MARIA HELENA; ANDRADE, ERNESTO D' (2000) – *The Phonology of Portuguese*. Oxford, Oxford University Press.
- PEREIRA, MARIA ISABEL PIRES (1999) – *O Acento de Palavra em Português. Uma Análise Métrica*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada).
- PEREIRA, ISABEL; MATA, ANA ISABEL; FREITAS, MARIA JOÃO (1992) – *Estudos em Prosódia*. Lisboa, Colibri.
- PINTO, MARIA DA GRAÇA L. CASTRO (1998) – *Saber Viver a Linguagem. Um Desafio aos Problemas de Literacia*. Porto, Porto Editora.
- PINTO, MARIA DA GRAÇA LISBOA CASTRO (2005) – “A Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário: Os pilares de uma ponte em construção”. Comunicação apresentada ao *Encontro sobre Terminologia Linguística: das teorias às práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 12 e 13 de Setembro de 2005. Publicado neste mesmo volume de Actas.
- PORTUGAL, JOAQUIM SIMÃO; CATARINO, MANUEL FRANCISCO (orgs., 1973) – *Auto da Alma (Gil Vicente). Sonetos e Canções (Camões). Com a Nova Nomenclatura Gramatical Portuguesa e Acentuação Oficial Preceituada. Para o 3º ano liceal*. Porto, Porto Editora.
- RODRIGUES, SÓNIA VALENTE (2005) – “Fonética e Fonologia no ensino da língua materna: modos de operacionalização”. Comunicação apresentada ao *Encontro sobre Terminologia Linguística: das teorias às práticas*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 12 e 13 de Setembro de 2005. Publicado neste mesmo volume de Actas.
- SPENCER, ANDREW (1996) – *Phonology*. Oxford, Blackwell.
- TROUBETZKOY, NIKOLAI S. (1939) – *Grundzüge der Phonologie*. Trad. fr. de J. Cantineau: *Principes de Phonologie*. Paris, Klincksieck, 1976 [nouveau tirage corrigé].
- VELOSO, JOÃO; RODRIGUES, ALEXANDRA SOARES (2002) – “A presença da fonética e da fonologia no ensino do Português (ensino básico e secundário): Algumas considerações preliminares”, in DUARTE, ISABEL MARGARIDA; BARBOSA, Joaquim; MATOS, SÉRGIO; HÜSGEN, THOMAS (orgs., 2002) – *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto (Porto, 22-24 de Novembro de 2001)*. Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, vol. 1, pp. 231-246.
- VIGÁRIO, MARINA CLÁUDIA (1998) – *Aspectos da Prosódia do Português Europeu. Estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica*. Braga, Universidade do Minho.
- VIGÁRIO, MARINA (2003) – *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter.

